

ENTRE A INTENÇÃO E A RECEPÇÃO, A EVIDÊNCIA DE UMA  
CHAVE DE LEITURA PARA *OURO, FOGO & MEGABYTES*,  
DE FELIPE CASTILHO

PAULO AILTON FERREIRA DA ROSA JUNIOR  
(DOUTORANDO)  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/CAPES)  
Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil  
(juuniorferreira@yahoo.com.br)

RESUMO: O presente trabalho é o primeiro movimento interpretativo de uma pesquisa de doutorado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (PPGL/UFSM). O objetivo é caracterizar, a partir do que Compagnon (2010) compreende como intenção e recepção, o livro *Ouro, fogo & megabytes*, de Felipe Castilho, a fim de evidenciar a chave de leitura que guiará a análise central dessa obra literária em uma tese vindoura: a refiguração (REIS, 2018) de personagens do folclore brasileiro na construção do insólito na narrativa. Para isso, serão analisadas a materialidade de uma edição do livro, comentários de seus leitores no Skoob e resenhas críticas em blogs.

Palavras-chave: Intenção e recepção literárias. Literatura fantástica. Folclore brasileiro. *Ouro, fogo & megabytes*.

Artigo recebido em: 11 mar. 2021.  
Aceito em: 30 mar. 2021.

ROSA JUNIOR, Paulo Ailton Ferreira da. Entre a intenção e a recepção, a evidência de uma chave de leitura para *Ouro, fogo & megabytes*, de Felipe Castilho. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 1 (2021), p. 315-331.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 07 ago. 2021.

BETWEEN INTENTION AND RECEPTION, THE EVIDENCE  
OF A READING KEY FOR *OURO, FOGO & MEGABYTES*,  
BY FELIPE CASTILHO

ABSTRACT: The present work is the first interpretative movement of a doctoral research developed at the Postgraduate Program in Language and Literature of the Federal University of Santa Maria. The aim is to characterize, based on what Compagnon (2010) understands as *intention* and *reception*, the book *Ouro, fogo & megabytes*, by Felipe Castilho, to evince the reading key that will guide the central analyses of this literary work in my forthcoming thesis: the refiguration (REIS, 2018) of Brazilian folklore characters in the construction of the uncanny in the narrative. For this purpose, the materiality of an edition of the book, comments by its readers on Skoob and critical reviews on blogs will be analyzed.

Keywords: Literary Intention and Reception. Fantastic Literature. Brazilian Folklore. *Ouro, fogo & megabytes*.

## INTRODUÇÃO

Bem como um texto literário não surge do vazio, não é produzido como fruto do acaso, e não há como ser encontrado em um suporte desprovido de marcas intencionais que direcionem a sua leitura, uma interpretação desse texto também não acontece independente de um contexto específico de recepção, por um leitor vazio de crenças e expectativas. A ideia possibilitadora da pesquisa em literatura, como aponta Durão (2015, p. 379), está arraigada nesse entremeio, nesta espécie de fazer que fica entre o escrever e o ler, de onde nos vem uma *mensagem*, pois “As obras literárias somente existem quando lidas, ou, melhor, quando inseridas em um ato, seja o da leitura, seja o da escrita. O romance na estante é uma potencialidade; apenas ao me confrontar com ele converte-se naquilo que é”. Desta forma, “O cerne da pesquisa em literatura acontece em torno da interpretação” (DURÃO, 2015, p. 385) dessa assim chamada *mensagem*, a prática, como define Compagnon

(2010, p. 93), de levantar “uma hipótese em que se põe à prova a capacidade de perceber o máximo de elementos do texto.” É, assim, em torno da construção de uma hipótese de leitura que este trabalho toma forma.

O objetivo deste artigo<sup>1</sup>, então, primeiro passo de uma pesquisa de doutorado na área de concentração de Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, é caracterizar parte do *corpus* de análise com que se trabalhará, no caso, o romance fantástico infantojuvenil nacional *Ouro, fogo & megabytes*, de Felipe Castilho, a fim de evidenciar a hipótese de leitura com que se interpretará esse texto: a refiguração de personagens de narrativas folclóricas brasileiras na construção do insólito dessa narrativa.

Antes de mais nada, é preciso salientar dois pontos teóricos importantes, a título de ressalva. Primeiro, que se considera refiguração a partir de Reis (2018), como o processo de reelaboração narrativa de uma figura ficcional. Ou seja, entende-se que na referida obra existe uma operação que, ao construir a figuração, grosso modo, a caracterização dos personagens que a compõem, refigura neles determinados tipos já conhecidos anteriormente. No domínio alheio aos estudos literários e suas teorias, que é o da maioria dos leitores não especialistas, esse procedimento vem sendo aludido das mais diversas formas: reinvenção, reimaginação, atualização, etc. Esses são termos que, dado o contexto de análise, também serão aplicados aqui. Segundo, que, quando o projeto editorial e os leitores dessa obra falam em “folclore”, vulgarmente eles estão aplicando uma noção redutora ao fenômeno, concentrando-se apenas nos personagens das narrativas populares, das lendas e mitos do Brasil, quando, na verdade, a palavra folclore designa um conjunto muito mais vasto e complexo de práticas e sentimentos, de modos de agir e pensar, que não se encerram apenas nas histórias que o povo conta e das quais esses personagens se desprendem (CARNEIRO, 2008). Ainda assim, também por motivos de não fugir aos dados do estudo, que oriundam de campos não teóricos, este texto, ciente da problemática, muitas vezes repetirá “folclore” no sentido em que o *corpus* o aplica.

Para efetuar, então, a análise, parte-se dos princípios que Compagnon (2010) denomina como *intenção* e *recepção*, que nada mais são do que outros nomes para referir-se a questões em torno do autor e do leitor nesta tão antiga quanto fundamental discussão da literatura, que é a da significação de uma obra e de que dá conta a corrente chamada Estética da Recepção, de Jauss (1994) e Iser (1996), da qual outros autores têm se apropriado em seus discursos, como Chartier (2011) e Zilberman (1989).

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A caracterização do *corpus* dar-se-á em dois momentos – seções deste artigo – distintos, mas que convergem: no primeiro deles, ela investigará os indícios explícitos na edição corrente da obra *Ouro, fogo & megabytes*, buscando os direcionamentos de leitura que capa, contracapa, orelhas, ilustrações e sinopse oferecem, explicitando as pistas deixadas pelo autor, editor e pelos demais agentes responsáveis por ela, sobre como aquele texto literário deve ser lido; no segundo, apresentará impressões de leitores sobre a obra expressas e coletadas a partir de resenhas de blogs sobre literatura e comentários na página correspondente ao título no Skoob, para evidenciar uma hipótese de leitura, uma interpretação possível, que, ainda que pareça imediatamente dada pelo fazer crítico, “precisa ser testada e confrontada com o saber acumulado sobre o seu objeto” (DURÃO, 2015, p. 385).

#### PRIMEIRA PARTE: A INTENÇÃO

Compagnon (2010, p. 48) explica que quando se fala em *intenção* nos estudos literários referimo-nos à “relação entre o texto e seu autor, a responsabilidade do autor pelo sentido e pela significação do texto”. Buscar por um sentido, uma interpretação, em um texto, é compreender que ele foi fruto de uma atividade intencional, isto é, que as palavras ali dispostas partem de alguém querendo dizer alguma coisa a outro alguém. Assim, “interpretar uma obra supõe que ela responda a uma intenção, seja produto de uma instância humana”. Nesse sentido, “toda interpretação é uma assertiva sobre uma intenção” (COMPAGNON, 2010, p. 93).

Sendo esse o ponto de partida deste primeiro momento, propõe-se expandir o conceito para melhor aproveitá-lo, uma vez que, além de não utilizar o texto literário em questão para análise nesta fase da pesquisa, compreende-se, também, que na cadeia de produção literária não apenas o autor tem responsabilidade sobre os sentidos possíveis do que escreveu, mas também os editores, ilustradores, e demais envolvidos na publicação do texto em determinado suporte. É para o que Chartier (2011, p. 98) nos chama a atenção quando afirma que “a organização tipográfica traduz, claramente, uma intenção editorial” e ignorar essa intenção limita as possibilidades de interpretação de um texto, “ignora os efeitos produzidos pelos dispositivos de produção dos livros na recepção dos textos, portanto, na construção da sua significação” (CHARTIER, 2011, p. 99).

Portanto, para caracterizar a obra que desencadeará a pesquisa de doutorado a que este movimento se filia, a fim de evidenciar a chave ou hipótese de leitura, ou interpretação, com que se indagará o texto, o ponto de partida será a materialidade do suporte em que ela circula entre seus leitores. Para isso, é preciso lançar mão de duas acepções: a de leitor implícito e a

atualização desse conceito, a de protocolos de leitura. O leitor implícito é uma noção calcada na de autor implícito (BOOTH, 1980), mas oriunda de Iser (1996), expoente da corrente da estética da recepção, como anunciado anteriormente, plano de fundo de toda esta discussão. Esse autor postula seu modelo de leitor como um sujeito ao qual um texto é dirigido e que “encarna todas as predisposições necessárias para que a obra literária exerça seu efeito” (ISER, 1996, p. 36), estabelecendo um jogo com o texto, seguindo “uma rede de estruturas que pedem uma resposta, que obrigam o leitor a captar o texto”. É o público alvo de um texto, aqueles aos quais ele é dirigido em sua intenção; assim, os protocolos de leitura são uma expansão (ou uma apropriação) do conceito de Iser por Chartier (2011, p. 99), quando ele anuncia que “Reconhecer como um trabalho tipográfico inscreve no impresso a leitura que o editor-livreiro supõe para seu público é, de fato, reencontrar a inspiração da estética da recepção, mas deslocando e aumentando seu objeto”. É a mesma noção de “rede de estruturas”, porém ampliada para além do texto, para o seu suporte impresso.

Compreende-se, assim, para esta caracterização, a obra literária como algo que vai além da narrativa, compreendendo também o objeto em que aquela narrativa circula. A imagem a seguir apresenta, então, fotos da capa, lombada e contracapa de *Ouro, fogo & megabytes*, a partir das quais, tendo em vista as noções explicitadas, demonstrar-se-á como os signos que as compõem compreendem essa “impressão” dos sentidos que aquela obra quer comunicar ao seu leitor.

Fig. 01 – Capa, lombada e contracapa de *Ouro, fogo & megabytes*



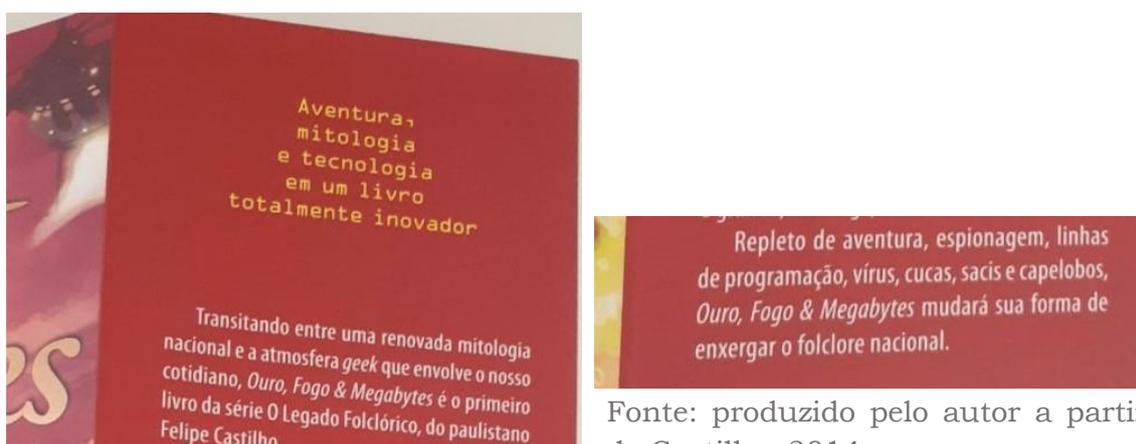
Fonte: produzida pelo autor a partir de Castilho, 2014.

Embora o título em destaque não entregue, por si só, nada muito palpável sobre o enredo da obra, associadas à arte da capa, que destaca uma gigantesca cobra dourada em chamas, fica claro que as palavras “Ouro” e “Fogo” remetem a essa criatura, o que torna possível inferir que ela é um dos elementos centrais da narrativa. A presença do menino, que também não passa despercebido na ilustração, provavelmente o personagem principal, já adianta que, caso o estilo do traço, o apelo do título impresso em fonte brilhante e utilizando uma palavra que remete ao mundo digital, vulgarmente associado às novas gerações, e a presença do monstro, não tenham sido suficientes para destacar, este se trata de um livro direcionado ao público infantojuvenil. O leitor que tiver algum conhecimento do folclore nacional desvenda a charada já nesse instante: a obra tem como mote principal, pelo menos, uma lenda da nossa tradição, se não o universo inteiro dessa tradição oriunda do saber e de costumes populares, em diálogo com o universo juvenil contemporâneo. O leitor mais ingênuo nesse sentido tem essa indicação no canto superior esquerdo da capa, onde se lê “O Legado Folclórico: Volume um”. A escolha da palavra “legado” para nomear a coleção, no sentido de herança, associada à moderna palavra “Megabytes” do título também nos ajuda a inferir que se trata de uma história com elementos do folclore adaptados ao contexto do nosso tempo corrente. Além disso, trata-se não apenas de um livro cujo tema central é o folclore, mas o primeiro de uma série de aventuras no mesmo sentido. Aventuras, pois não há como encarar o conjunto da capa e não começar a formular uma série de hipóteses mirabolantes sobre o que está de fato acontecendo naquela cena, como o personagem chegou àquela situação, etc.

Enquanto a lombada reafirma que *Ouro, fogo & megabytes*, de Felipe Castilho, é o número “1” de uma série, a contracapa apresenta, no canto inferior esquerdo, os outros dois títulos que dão sequência à saga – *Prata, terra & lua cheia* e *Ferro, água & escuridão* –, mas o que realmente nela nos instiga a finalmente decifrar do que se trata este livro está, impresso em uma fonte facilmente reconhecível para quem utiliza sites de jogos online, logo abaixo de uma representação de estilo mais pictórico da cobra de fogo da capa, onde se lê: “Como esconder uma suspensão escolar dos pais, resgatar uma criatura mágica das garras de uma poderosa e mal-intencionada corporação e ainda por cima salvar o país de um desastre sem precedentes?”. A pergunta de efeito transcrita corrobora todas as marcas intencionais deixadas na edição ao seu leitor modelo, todas as pistas que formam o protocolo de leitura estão ali expostas, os motivos do enredo surgem desvelados: o mundo juvenil – “esconder uma suspensão escolar dos pais” –, o folclore, -- “criatura mágica” – e a narrativa de aventura – “salvar o país de um

desastre”. A contracapa ainda compreende mais um texto em dois parágrafos que, junto do texto impresso na orelha da capa da frente, oferece um panorama de como a história começa e para onde possivelmente vai.

Fig. 02 – Recortes da orelha do livro.



Fonte: produzido pelo autor a partir de Castilho, 2014.

As palavras-chave no topo da orelha – impressas na mesma fonte que o texto transcrito da contracapa – confirmam a leitura interpretativa dos elementos gráficos da capa: “aventura, mitologia e tecnologia” encabeçam os temas da narrativa; o enunciado “um livro totalmente inovador” antecipa a mensagem final dessa sinopse, “mudará sua forma de enxergar o folclore nacional”.

Torna-se possível, a partir disso, afirmar que esse romance, *Ouro, fogo & megabytes*, apresenta uma narrativa que atualiza o folclore nacional para um público infantojuvenil contemporâneo em uma obra que serve de porta de entrada para uma aventura compreendida, até o momento, em três outros títulos subsequentes.

Até aqui, fica bastante clara a intenção de lançar luz à questão do folclore na narrativa. A coleção leva a palavra no título, o projeto gráfico enfatiza um monstro oriundo de uma narrativa dessa tradição, os paratextos da contracapa e da orelha evidenciam esse elemento como aquele fundamental dentro do enredo, e intrínseco a esse argumento está o mais importante: não se trata apenas de uma obra cuja inspiração está no folclore. Ele é o ponto de partida para uma reinvenção dessas lendas difundidas em nossa cultura.

Dentro do livro, o apelo não é diferente: cada início de capítulo é acompanhado de uma ilustração que retrata alguma cena ou elemento emblemático que ocorre no episódio narrado. Novamente, a ênfase é sempre

em algum dos elementos folclóricos presentes na narrativa. A seguir, reproduzem-se algumas em que, respectivamente, a Cuca, o Mão Pelada e o Saci são os destaques.

Fig. 03 – Ilustrações de início de capítulo.



Fonte: produzido pelo autor a partir de Castilho, 2014.

ROSA JUNIOR, Paulo Ailton Ferreira da. Entre a intenção e a recepção, a evidência de uma chave de leitura para *Ouro, fogo & megabytes*, de Felipe Castilho. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 1 (2021), p. 315-331.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 07 ago. 2021.

O encontro do folclórico, do antigo, da tradição, com vestígios do moderno, do novo, do urbano, do que faz parte de nossas vidas de forma muito mais recente que esses elementos, é o grande destaque das ilustrações: vemos a Cuca, uma figura folclórica ligada à floresta, em uma esquina de uma cidade; vemos um Mão Pelada de frente para um menino de tênis e uma bola de futebol; encontramos o Saci em uma cozinha com aparelhos elétricos e roupas que não são a famosa touca vermelha. O argumento de uma reinvenção dessas lendas está explícito em todos os elementos gráficos internos do livro também.

Este esforço interpretativo de todas as pistas deixadas na capa e de outros elementos constitutivos da edição corrente de *Ouro, fogo & megabytes* tem sua legitimidade reforçada quando remete ao que Compagnon (2010, p. 92) postula quando diz que “Numa obra interpretam-se repetições e diferenças: toda interpretação repousa no reconhecimento de repetições e diferenças”. Essas repetições em um fundo de diferenças são marcas da intenção, elas reforçam uma mensagem que a obra quer comunicar (mas que não esgota a obra, que pode ser transcendida, superada, confrontada com outras, múltiplas, ou ignorada). Por isso, a questão da intenção está fortemente ligada à da recepção, uma vez que “Não somente o sentido do texto não se esgota com a intenção nem se lhe equivale” (COMPAGNON, 2010, p. 64), mas está condicionado ao que os seus leitores farão com aquelas pistas deixadas, com aquelas marcas expressas. Por isso, na próxima parte deste trabalho, confrontar-se-á essa hipótese de leitura, essa chave interpretativa da obra em potencial, a saber, a reinvenção do folclore nacional, com a percepção de leitores da mesma sobre o argumento.

## SEGUNDA PARTE: A RECEPÇÃO

Até este ponto o trabalho concentrou-se em apresentar o *corpus* – ou parte dele, a decidir – que será utilizado como objeto de análise em uma tese vindoura, no intuito de evidenciar a chave de leitura com a qual se trabalhará. Para isso, foram examinados os indícios materiais desta referida possibilidade de interpretação, a reinvenção do folclore, na materialidade de uma edição corrente da obra, decifrando seus signos através dos protocolos de leitura (CHARTIER, 2011), cuja fonte é a noção de leitor implícito (ISER, 1996). Durante o processo, mais de uma vez neste texto, referenciou-se a uma corrente crítica que guia as análises e de onde surge o leitor implícito, a

chamada Estética da Recepção. Como vinha-se lidando, em essência, até então, com pormenores da *intenção*, que faz parte do tripé autor-texto-leitor em que essa corrente encontra bases, mas não se define como elemento central, optou-se apenas agora, quando lidaremos especificamente com a *recepção*, em conceituar o campo de estudo mais especificamente.

Assim, Compagnon (2010, p. 145) explica que “os estudos recentes da recepção interessam-se pela maneira como uma obra *afeta* o leitor [...] a análise da recepção visa ao efeito produzido no leitor, individual ou coletivo, e sua resposta ao texto considerado como estímulo”. Dessa forma, considera-se que “A literatura tem, pois, uma existência dupla e heterogênea. Ela existe independentemente da leitura, nos textos e nas bibliotecas, em potencial, por assim dizer, mas ela se concretiza somente pela leitura” (COMPAGNON, 2010, p. 147).

Assim, esta análise agora busca a sua completude invertendo o foco. Se, antes, procurou-se averiguar os sentidos que a obra intencionava provocar, agora, estes serão confrontados com os sentidos expressos sobre ela por seus leitores, a fim de confirmar (ou não) que eles se efetivam, sobretudo, no que diz respeito à chave de leitura que vem sendo evidenciada: a reinvenção do folclore. Esse movimento vai ao encontro da acepção já mencionada de que uma interpretação, uma leitura, ou seja, a efetivação da obra literária, só é possível no encontro entre a sua potencialidade, o texto, o objeto-livro, e um leitor, bem como explicitado por Zilberman (1989):

De um lado, situa-se o efeito, condicionado pela obra que transmite orientações prévias e, de certo modo, imutáveis, porque o texto conserva-se o mesmo, ao leitor; de outro, a recepção, condicionada pelo leitor, que contribui com suas vivências pessoais e códigos coletivos para dar vida a obra e dialogar com ela. Sobre esta base, de mão dupla, acontece a fusão de horizontes, equivalente a concretização do sentido. (ZILBERMAN, 1989, p. 65)

Para efetuar a análise, foram selecionados trechos de duas resenhas de *Ouro, fogo & megabytes* em blogs literários e três comentários sobre o livro na página correspondente a ele no site Skoob. Todavia, não será possível fazê-lo sem que se recorra a duas outras acepções: a de repertório de leitura, segundo Iser (1996), e a sua versão por Jauss (1994), o horizonte de expectativas.

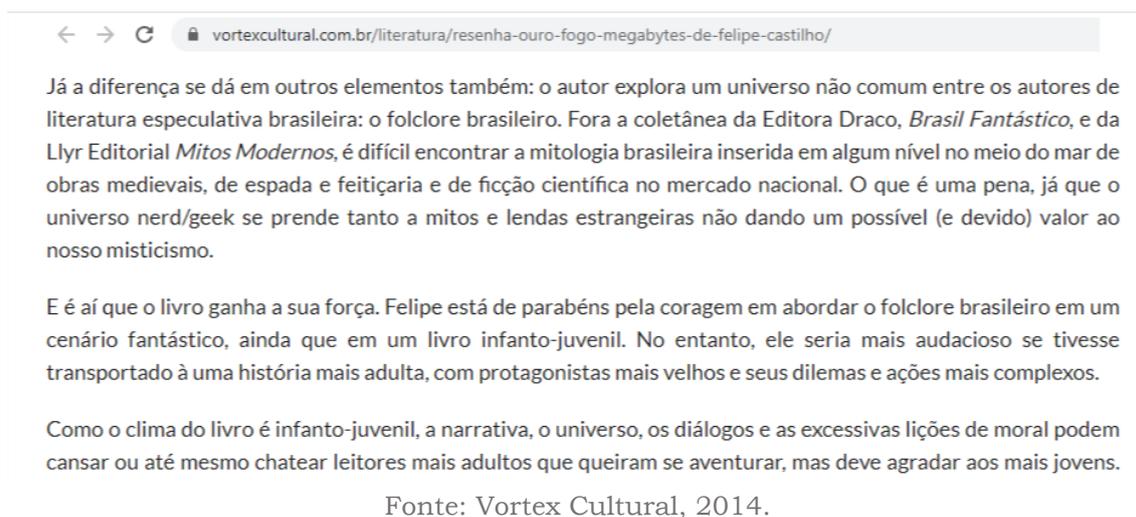
Embora a obra literária seja fruto de uma ação intencional e, por isso, apresente uma série de pistas que juntas constituem um mapa para um

sentido possível da mesma, a decifração dessas pistas, a leitura do texto, ou das ilustrações, ou da capa, ou de paratextos, não acontece de forma neutra, condicionada apenas a essas pistas; ela pressupõe que o leitor empírico, de carne e osso, inserido em sua cultura, em seu momento histórico, encontrar-se-á com o leitor implícito ao texto nessa busca pelo sentido, e que desse encontro resultará, então, uma interpretação que confirmará, ou expandirá, ou ignorará aquela virtualmente desejada. Assim, quando Iser se refere ao fato de que todo leitor possui um repertório de leitura que condicionará suas expectativas e interpretações sobre uma obra, Compagnon (2010, p. 150) explica que, com isso, o autor se refere a: “o conjunto de normas sociais, históricas, culturais trazidas pelo leitor como bagagem necessária à sua leitura”. Quando Jauss toma esse conceito para suas considerações, que expandem o interesse da estética da recepção do leitor individual para a dimensão do coletivo, passa a chamá-lo de horizonte de expectativas, que pode ser definido como “um saber prévio, ele próprio ele mesmo um produto dessa experiência com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial” (JAUSS, 1994, p. 28).

Compreende-se, assim, que, de maneira responsiva às intenções identificadas na obra, as leituras, as interpretações que serão apresentadas a seguir, expressas por leitores empíricos, além de averiguarem a possibilidade de apreensão da chave de leitura impressa nela por parte deles, e com a qual se pretende trabalhar em uma pesquisa maior, são também indissociáveis de julgamentos de valor, de contentamento ou decepção desses leitores em seus encontros com *Ouro, fogo & megabytes*, baseados em suas expectativas construídas tanto com base na materialidade da edição, a partir de inferências como as efetuadas na primeira parte deste texto, quanto em leituras anteriores, de outros títulos.

O primeiro excerto é de autoria de Pablo Grilo e é oriundo de uma resenha crítica da sessão “Literatura”, do site Vortex Cultural.

Fig. 04 – Print do texto que resenha *Ouro, fogo & megabytes* no site Vortex Cultural.



Como se percebe a partir do trecho destacado, esse leitor enfatiza a evidência do folclore brasileiro como um diferencial da obra, chamando a atenção para o fato de que outros autores nacionais do que ele chama “ficção especulativa” – uma das várias maneiras populares de se referir à literatura fantástica<sup>2</sup> -- costumeiramente trabalham em suas produções com elementos que não fazem parte da história ou da cultura no Brasil, como a era medieval, bem como privilegiando mitos e lendas estrangeiras a despeito da riqueza de nossa própria tradição de histórias populares. Nota-se então, de saída, que o apelo por um “novo sopro de vida” ao folclore brasileiro, que a obra oferece à geração a que se dirige – que compreende um público infantojuvenil, como evidenciado na análise da materialidade da edição corrente do livro e nesse texto de apreciação – é o ponto chave da leitura feita pelo resenhista. Para mais, pode-se inferir, a partir das impressões de leitura oferecidas, que ele não faz parte do público alvo da obra, pois repetidamente afirma que algumas características podem incomodar leitores, por se assim dizer, mais velhos, o que comprova a teoria de Jauss sobre o leitor empírico trazer a sua carga, o seu histórico de experiências, com as quais um leitor consegue construir a interpretação da mesma.

O segundo excerto selecionado de resenhas sobre a obra é oriundo do site Revista Pólen e tem autoria de Mareska Cruz, que publica textos apreciativos sobre obras literárias na sessão “Fazendo orelha” do referido site.

---

<sup>2</sup> Para ver mais sobre discussões em torno da literatura fantástica brasileira, consultar MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Eneias. **Fantástico brasileiro** – o insólito literário do romantismo ao fantasismo. Curitiba: Arte & Letra, 2018.

→  Não seguro | [revistapolen.com/ouro-fogo-megabytes-felipe-castilho/](http://revistapolen.com/ouro-fogo-megabytes-felipe-castilho/)

E eu até poderia ficar falando da história, que é ótima, mas sabe a parte mais legal? A gente reconhece tudo, e não porque leu algo parecido em outros livros ou porque aprendeu meio por osmose nas internets da vida.

→  Não seguro | [revistapolen.com/ouro-fogo-megabytes-felipe-castilho/](http://revistapolen.com/ouro-fogo-megabytes-felipe-castilho/)

E eu até poderia ficar falando da história, que é ótima, mas sabe a parte mais legal? A gente reconhece tudo, e não porque leu algo parecido em outros livros ou porque aprendeu meio por osmose nas internets da vida.

A gente reconhece porque é nosso.

Porque antes da Disney e dos deuses gregos, a gente dormiu com medo do boi da cara preta, ou teve medo de dormir porque a Cuca podia vir pegar. Todo mundo já pulou numa perna só que nem saci. Todo mundo já tentou virar o pé pra trás que nem o curupira. Quem lembra da Caipora do *Castelo Rá-Tim-Bum*? Do saci do *Sítio de Pica-pau Amarelo*? Todo mundo já brincou com parlendas, trava-línguas, cantigas de roda. Tudo isso é tão presente quando a gente é criança, em que momento da vida a coisa desanda e a gente esquece o quanto isso tudo é divertido? O quanto é bonito? Ou assustador?

A pergunta é a sério. Quando é que a gente decide deixar tudo isso pra lá? Porque não devia. Porque tem tanta coisa pra mexer, pra adaptar, pra brincar, taí *Ouro, fogo & megabytes* pra mostrar que dá sim pra trazer folclore brasileiro pro infantojuvenil contemporâneo com um resultado sensacional. Dá pra botar a Cuca pra aterrorizar São Paulo sim. Dá pra ter um meio-caipora sim. Não, não fica esquisito. Fica o máximo.

Tem muita coisa nossa pra explorar. É só começar a olhar pra dentro.

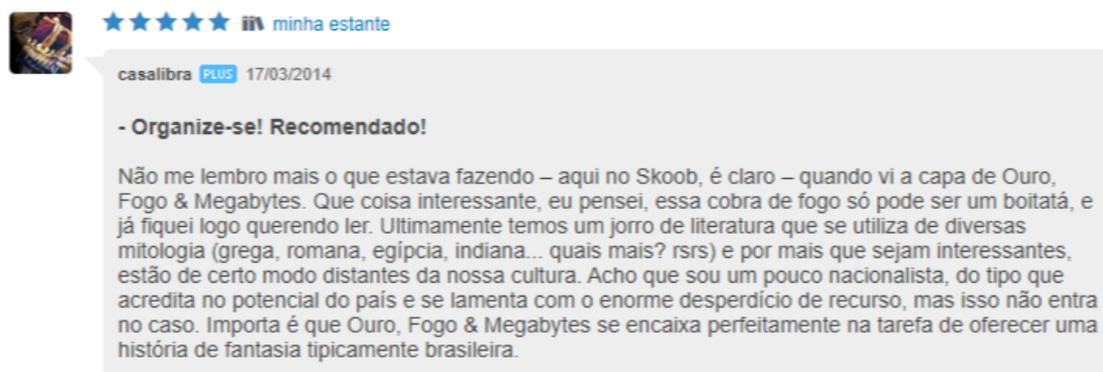
Fonte: Revista Pólen, 2014.

Em seu texto, a autora dessa resenha vai um pouco além se comparada às impressões oferecidas pelo autor do texto anterior: ela não apenas anuncia o folclore brasileiro como um tema fundamental da obra, mas exalta o trabalho de reinvenção do mesmo na narrativa e oferece um vislumbre sobre o seu próprio repertório de leitura. Repertório provavelmente oriundo da infância, a julgar pelos exemplos citados, que não apenas parece tê-la ajudado a compreender e a estabelecer um pacto com as adaptações dos mitos e lendas efetuadas na tessitura do enredo como a compor o seu horizonte de expectativas sobre a obra, que parece ter se realizado. Infere-se que essa leitora, pelo seu histórico com outras manifestações culturais que compreendem o uso do folclore, sabia pelo que esperar quando tirou *Ouro, fogo & megabytes* da prateleira e o texto realizou suas expectativas, bem como a confirmou enquanto público alvo, já que não há menções a estranhamentos com a narrativa como os mencionados pelo resenhista anterior.

Para selecionar os próximos comentários de leitores sobre a obra que serão examinados nesta operação analítica de caracterização da mesma,

efetuou-se uma coleta na rede social Skoob<sup>3</sup>. Optou-se por essa outra fonte, além dos blogs de resenha, por compreender que o ambiente informal de um site de relacionamentos poderia oferecer maior liberdade de comentários sobre o livro. A imagem a seguir apresenta o primeiro dos três comentários refinados para este trabalho.

Fig. 06 – comentário de usuário do Skoob sobre *Ouro, fogo & megabytes* (1).



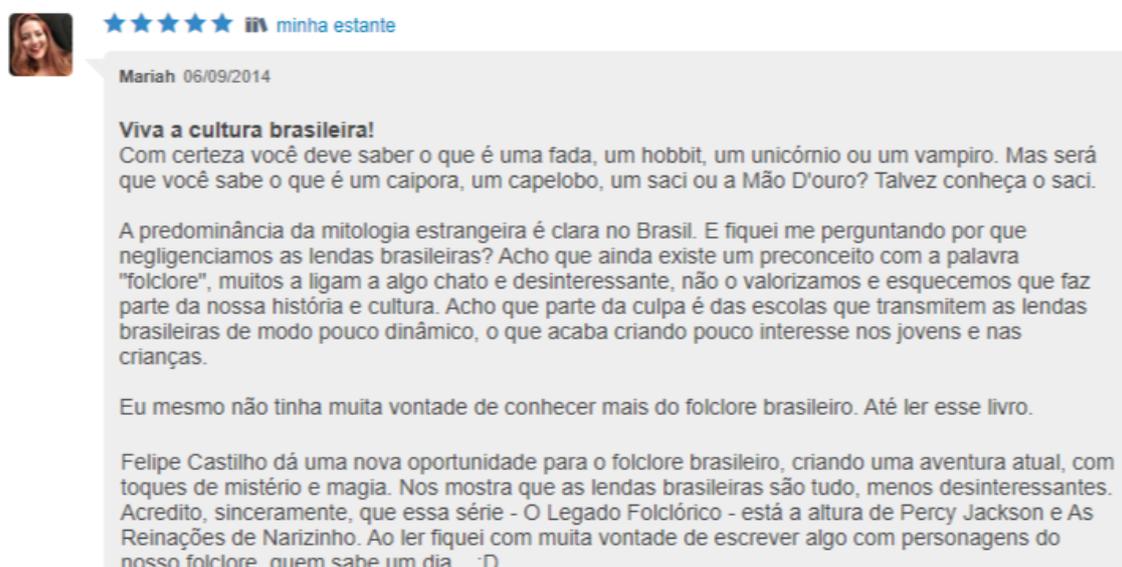
Fonte: Skoob.

Confirmando a análise da primeira parte deste texto, a autora do comentário reproduzido começa destacando a importância da ilustração na capa do livro como elemento constitutivo da significação total da obra e como estímulo para seu interesse pela leitura. Do seu repertório, ela infere que a gigantesca cobra de fogo em destaque no frontispício é um boitatá e, também, evoca outras narrativas – não nomeadas – cujas histórias têm como fonte de inspiração mitologias de outros países, que podem ter sido efetivamente lidas ou não. Assim, em linhas gerais, sua apreciação sobre *Ouro, fogo & megabytes* se concentra, como se demonstrou a que o projeto gráfico também induz, na exaltação do uso de uma mitologia oriunda da cultura nacional para construir a trama. O próximo comentário selecionado expande suas impressões na mesma direção.

---

<sup>3</sup> Essa plataforma tem se mostrado bastante potencial aos estudos que envolvem os livros e seus leitores, pois congrega mais de 5 milhões de usuários cadastrados que podem fazer uso dos mais variados recursos a fim de expressar as suas relações com os textos (literários ou não) publicados no mercado editorial brasileiro.

Fig. 07 - comentário de usuário do Skoob sobre *Ouro, fogo & megabytes* (2).



Fonte: Skoob.

A convicção de que se dedica pouca atenção a nosso folclore em detrimento de outros é mais fortemente abordada nesse comentário, que vê *Ouro, fogo & megabytes* como uma nova oportunidade para que os leitores voltem sua atenção à potencialidade da mitologia nacional não apenas como acervo cultural, mas também como fonte de entretenimento tão legítima quanto as estrangeiras. Do seu repertório, a comentarista remonta a experiência com essas narrativas populares à época da escola, tecendo uma crítica a como são trabalhadas em sala de aula, confirmando, logo em seguida, algo sobre si que o comentário anterior já anunciava: existe um preconceito corrente com os mitos e lendas de origem nacional. Compara a obra a *Percy Jackson & os olímpianos*, do americano Rick Riordan, em que um garoto de 12 anos descobre ser um semideus grego – relação comumente estabelecida em vários outros comentários da página – e ao clássico *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, autor que trabalhou com os mitos e lendas brasileiros em algumas narrativas que compõem as aventuras em seu “Sítio do Pica-Pau Amarelo”.

Mais uma vez, então, a chave de leitura que se procura evidenciar nessa caracterização da obra aparece muito clara na interpretação do leitor. A reinvenção do folclore surge não apenas como a adaptação das histórias populares para outro público, mas oferecendo fôlego para que esse público conheça as fontes onde Castilho foi buscar esses mitos e lendas.

Assim, como os comentários demonstram, o horizonte de expectativas, o seu repertório de experiências anteriores com textos literários e outras manifestações artísticas e culturais são responsáveis pela reação do leitor à obra, pois se encontra na consciência individual como um saber construído socialmente e em acordo com o código de normas estéticas e ideológicas de uma época. No caso de *Ouro, fogo & megabytes*, em análise aqui, parece que tanto quando esse horizonte é saciado, como no momento em que um leitor declara seu interesse prévio pelos mitos e lendas nacionais, quanto quando ele é rompido, como no momento em que um leitor que diz não gostar do tema antes de ter lido a obra e ter se surpreendido pelo quanto mudou de ideia graças a ela, a chave interpretativa que se propôs evidenciar neste estudo, a reinvenção do folclore nacional, ou a refiguração de personagens das narrativas populares que compõem parte do folclore brasileiro, comprova-se bastante potente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou caracterizar a obra *Ouro, fogo & megabytes*, de Felipe Castilho, *corpus* de uma pesquisa de doutorado em estágios iniciais, enquanto evidenciou uma chave de leitura possível para ela, a reimaginação do folclore nacional, ou a refiguração de personagens desse folclore, que postulará as análises interpretativas dessa narrativa na referida pesquisa. Para isso, buscou-se em Compagnon (2010) os preceitos de *intenção* e *recepção*, instâncias que, mediadas pelo ato de leitura, efetivam a literatura, e lançou-se mão de preceitos da Estética da Recepção, por Jauss e Iser, dialogando-os com Zilberman e Chartier, autores que traduzem e atualizam seus conceitos.

A primeira parte deste estudo analisou a materialidade de uma edição de *Ouro, fogo & megabytes*, evidenciando as pistas semânticas deixadas no projeto gráfico da capa e do miolo para um *leitor implícito*, constatando que todos os indícios nela, todos os *protocolos de leitura* evidentes apontavam para uma leitura interpretativa com apelo a uma “atualização” das narrativas do folclore. A segunda parte deste estudo trouxe resenhas e comentários de leitores na internet, a fim de comprovar se essa chave de leitura percebida pelo pesquisador e intencionada pelas instâncias de produção da obra (autor, editores, etc.), de uma ênfase em uma narrativa que oferece novas visões sobre os mitos e as lendas do folclore brasileiro, se efetivou a partir do *repertório de leitura no horizonte de expectativas* de seus receptores.

Considera-se, por fim, a partir deste estudo, que a obra em questão, de fato, mobiliza seus leitores no sentido de refletir sobre o folclore nacional, tanto no que tange à (des)valorização do mesmo na percepção comum, que demonstra muitas vezes não considerar suas narrativas tão potentes quanto

as de outras mitologias, quanto na possibilidade de atualização dessas lendas e mitos para um público mais específico em uma narrativa que também possui particularidades de forma e estilo em relação aos gêneros/modos de narrar da tradição oral de que se originaram. Tal fato demonstra o quanto ela é potencial, enquanto objeto, para a interpretação crítica que se pretende realizar na pesquisa em andamento, concentrando-se, então, na refiguração de personagens de narrativas populares do folclore brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Portugal: Arcádia, 1980.
- CARNEIRO, Edison. *Dinâmica do Folclore*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- CASTILHO, Felipe. *Ouro, fogo & megabytes*. São Paulo: Gutemberg, 2014.
- CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. *D.E.L.T.A.*, n. 31, 2015, p. 377-390
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- REIS, Carlos. *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

PAULO AILTON FERREIRA DA ROSA JUNIOR é Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Pampa (2016) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (2018). Sua produção pregressa se concentra nas intersecções entre as narrativas populares (com ênfase nos contos de fadas europeus) e as da cultura letrada. Atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria e bolsista da CAPES, pesquisando as relações entre a literatura fantástica brasileira contemporânea e as narrativas tradicionais do Brasil.

ROSA JUNIOR, Paulo Ailton Ferreira da. Entre a intenção e a recepção, a evidência de uma chave de leitura para *Ouro, fogo & megabytes*, de Felipe Castilho. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 1 (2021), p. 315-331.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 07 ago. 2021.